

**SOCIEDADE, MEMÓRIA E LITERATURA CONTEMPORÂNEA:
VISITANDO AS RUÍNAS DE GALILÉIA**

Manuella Mirna Enéas de Nazaré¹

RESUMO: Diante do cenário múltiplo do mundo contemporâneo, o passado se impõe como se fossem ruínas presentes no cotidiano. Não são físicas, mas bastante fortes, pois se mostram a partir das dinâmicas de identidades e memórias, marcando os indivíduos e a sociedade. Essas marcas estão sendo constantemente ressignificadas pelas representações simbólicas do homem. A literatura é uma forma singular de manifestar esses processos, pois ela não só traduz, mas potencializa os debates contemporâneos, conseguindo atravessar o tempo. Assim, em um primeiro momento, este trabalho se ocupa em discutir essas temáticas. Em um segundo momento, para ilustrar esses diálogos teóricos e críticos, fazemos uma breve análise da obra *Galiléia*, do escritor contemporâneo Ronaldo Correia de Brito, observando essas questões de sociedade, identidade e memória na narrativa, bem como características formais dessa obra ficcional, que funciona como um recorte da literatura contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade; Identidade; Memória; Literatura contemporânea; *Galiléia*.

ABSTRACT: Faced with the multiple scenario of the contemporary world, the past imposes itself as if they were ruins present in everyday life. They are not physical, but rather strong, because they show themselves from the dynamics of identities and memories, marking individuals and society. These marks are constantly being re-signified by the symbolic representations of man. Literature is a unique way of mirroring these processes, for it not only translates but enhances contemporary debates, managing to cross time. Thus, at first, this work deals with discussing these issues. In a second moment, to illustrate these theoretical and critical dialogues, we make a brief analysis of *Galiléia*, work of the contemporary writer Ronaldo Correia de Brito, observing these questions of society, identity and memory in the narrative, as well as formal characteristics of this fictional work, which functions as a snippet of contemporary literature.

KEYWORDS: Society; Identity; Memory; Contemporary Literature; *Galiléia*.

1. O hoje, convivendo com ruínas

A contemporaneidade, em seu trânsito acelerado e constante de lembranças do passado, dados do presente e propostas para o futuro, o passado funciona nesse jogo fluido como sombras obstinadas no cotidiano. Sombras imateriais que aparecem nas dinâmicas de identidades e memórias, marcando os indivíduos e a sociedade. Essas marcas são sempre ressignificadas pelas representações simbólicas humanas, sendo a literatura uma manifestação singular desses processos, traduzindo e potencializando os debates contemporâneos, conseguindo atravessar o tempo.

¹ Doutoranda em Letras, na área dos Estudos Literários, com orientação do Prof. dr. Lourival Holanda. Vinculada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: manuella.eneas@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3536314037727634>.

Conectando-se com esse cenário, este trabalho se propõe a discutir algumas influências simbólicas em uma obra contemporânea. Em um primeiro momento, ocupa-se em debater essas temáticas, buscando clarear uma base teórica. Em um segundo momento, faz-se uma breve análise da obra *Galiléia*, do escritor contemporâneo Ronaldo Correia de Brito, em observância a essas questões de sociedade, identidade e memória na narrativa, bem como de características formais da obra, mostrando um recorte da literatura contemporânea, pedra angular nesse tempo de ruínas, misturas e promessas.

Para refletir sobre essas temáticas na literatura contemporânea brasileira, importa considerar um contexto mais amplo. A América Latina teve um processo de colonização que deixou infinitos dividendos, rastros, restos, ruínas, tanto físicas quanto psicológicas, enraizadas na construção memorial e identitária dos seus povos. A América é um retalho cultural e, em todo retalho, há as marcas do que foi antes de ser ruína. Essa realidade influenciou sobre as identidades individuais, de região, de povo, de nação, bem como sobre as representações simbólicas que permearam a literatura e seus temas.

Contemporaneamente, essas identidades e memórias, já formadas sobre os mosaicos e ruínas da colonização, entraram em um tipo de colapso. De fins do século XX até hoje, o mundo passou a sentir drasticamente o chamado processo de Globalização, o que desencadeou mudanças, de maiores e menores proporções, continentais e regionais: “não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou” (HOBSBAWM, 2005, p. 15, *apud* PETRILLO, 2008, p. 49).

Os espaços sociais – que ao longo de séculos forjaram sua cultura e suas tradições – passaram a se encontrar em constante intercâmbio e vigilância, deslocando estruturas institucionais e os diversos discursos nacionais, regionais, culturais, identitários e memoriais. (HALL, 2006). Naturalmente, as (re)construções simbólicas que acontecem coletivamente, influem individualmente, pois “é também da interrelação entre o individual e o coletivo que se forja a identidade” (PETRILLO, 2008, p. 55).

No caso de antigas colônias – como a América Latina e propriamente o Brasil –, esse processo originou mais rupturas do que em outros lugares. No passado, esses espaços foram sendo constituídos como um mosaico, da união de várias influências culturais e por diversas implicações políticas, formando um todo que servisse de identificação à maior parte da nação

e aos diversos blocos regionais entre si. Já o presente, feito de trânsitos e trocas – de serviços e de pessoas que se assistem e se comunicam entre si –, embaralhou novamente as pedras, balançando estruturas que se ergueram sobre ruínas de outras nações e povos, de outras culturas, de outras representações simbólicas.

Em resultado, a fragmentação e o questionamento se tornaram premissas da forma de ler o mundo e se identificar, uma vez que o sujeito perde suas balizas de outrora nos vastos horizontes da hibridização e da transculturação. (CANCLINI, 1990). A fluidez dos discursos políticos, ideológicos, sociais, intelectuais e artísticos se reflete na literatura, o espelho mimetizado e transcendente do real.

Importa destacar a importância da memória como vínculo visceral entre o homem e sua identidade, pois “a memória também constitui um fator de identificação. É na memória que se reconhece o que nos distingue e nos aproxima” (PETRILLO, 2008, p. 54).

As lembranças nos unificam, nos definem e nos refazem. Para Olmi (2006), as memórias compõem uma consciência que identifica o indivíduo perante o mundo fragmentado, que o diferencia, o individualiza, lhe fornece sentidos e fronteiras seguras para sua autoconstituição identitária, principalmente nesta era de multiplicidades e padronização ao mesmo tempo:

Por que se fala tanto em memória nos últimos anos? Há certamente inúmeras razões, mas uma das mais fortes pode ser imputada às modificações pelas quais a sociedade passou ao longo do século XX no campo político, social, científico, artístico, e, mais recentemente, quando a globalização parece homogeneizar tudo e todos. (OLMI, 2006, p. 30).

Nessa conjuntura, a memória é um dos referenciais mais confiáveis diante do mundo, sua força reside na fluidez e, ao mesmo tempo, na seletividade funcional. Ela é, sobretudo, a consciência de uma referência anterior, mesmo que essa seja um mosaico; a memória sustenta nossa identidade e faz com que o sujeito permaneça firme, mesmo diante das contradições e sobreposições da atualidade, esculpindo sobre ruínas.

Desse ponto de vista, se a memória tem o papel de resgate, por justificar identidades que estão fragmentadas, ela tem o poder de reconstruir o ser, a partir da possibilidade de operar uma ruptura com o passado, em prol de novas identificações coletivas e individuais, conforme Ferreira (2003), reinterpretando as ruínas do passado.

Ferreira (2003) chama atenção para o fato de que a memória está a favor da renovação cultural de uma sociedade, retirando o que não se quer mais transmitido na cultura, na

tradição e na história. Segundo Zumthor, nas sociedades existe uma “energia imemorial” (ZUMTHOR *apud* FERREIRA, 2003), que lhes faz recordar o vivido e se move no sentido de expulsão dos elementos indesejáveis.

Ferreira (2003) adverte também que, por vezes, a escolha do que é esquecido ou perpetuado pela memória social pode se mostrar arbitrária, devido a manipulações por instituições de poder, deformando a memória coletiva de uma sociedade. Um perigo para os discursos culturais e identitários de grupos sociais, bem como para a ideia de espaço individual e coletivo, no sentido de pertencimento e identificação.

Percebe-se que a memória participa ativamente das elaborações simbólicas de um povo, interferindo na história e na cultura dos indivíduos e da coletividade. Essa dinâmica é ainda mais vívida em um presente de tantos fragmentos e sobreposições, em que as nossas ruínas se misturam a de outros povos, em um diálogo de destruição, deslocamento e renovação constante.

Um presente poroso, que se afasta velozmente do passado, ao mesmo tempo em que traz marcas dele, acessadas através das ruínas que o ontem deixou, muitas físicas, mas a maioria cultural, memorial, simbólica. Paralelamente, todos os dias se deixa novidades sobre essas marcas, sobrepondo significados. Somos ruínas em constante destruição e construção, frutos do passado fantasmagórico, do presente plural e do futuro possível. A ideia é não acumular, mas resignificar.

2. Tijolos conflitantes da literatura na contemporaneidade

A literatura brasileira atual, naturalmente, passa por uma transição inquietante, fruto das modificações estruturais e ideológicas operadas no nosso tempo em tantas sociedades. Segundo Agamben (2009), a literatura do século XXI adere ao tempo contemporâneo – se conectando às inquietações da história social deste tempo – e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias. Isso porque, ela demonstra atenção às demandas e problemáticas do presente, mas com um olhar anacrônico, que consegue entender melhor as influências e as necessidades da história social e literária. Essa postura consegue produzir uma literatura que transcende o contemporâneo, inova e consegue atravessar o tempo.

Na literatura contemporânea, sem a existência declarada de foco, contornos e maneiras, como um projeto estético ou ideológico que guie a produção literária, o homem, enquanto objeto, aumenta de tamanho, tomando com mais ênfase o universo de preocupações e inquietações. Uma vez que estruturas e verdades estão sendo revistas e recriadas nessa era de multiplicidades, o homem perde um pouco seus suportes e se fragmenta. Daí que, como afirma Campbell, “o mistério crucial é, em nossos dias, o próprio homem” (CAMPBELL, 1997, s.p.).

Campbell (2008, p. 46), ao falar da inaplicabilidade dos mitos antigos para o hoje, nos ajuda a entender o foco acentuado sobre o homem e suas preocupações na literatura atual. O homem não pode se apoiar em teorias e crenças, sejam verdadeiras ou não, sem que ele tenha que reformulá-las ou criar outras, atualizadas a suas novas problemáticas. Para exemplificar essa teoria, Campbell elege a literatura, seus mitos e seus homens ficcionais.

As ressignificações do passado se impõem no momento atual de produção literária com naturalidade, pois “cada época constrói a sua própria mitologia, que serve para exprimir as suas preocupações, para refletir as suas aspirações e as suas inquietações” (TROUSSON, 1988, p. 93).

Dessa forma, certos de que a literatura contemporânea funciona como uma maneira de representação da nossa era – pois trata de experiências de homens como nós ou como poderíamos ser – e que ela reúne significados dispersos na sociedade e os potencializa, transcendendo o meio a sua volta com imagens redentoras das preocupações atuais, importa entender algumas de suas novas características.

Farias e Aguiar (2013), ao focar o olhar sobre a literatura produzida em Pernambuco de 2001 a 2011, enquadrada no que eles chamam de “Geração 2.1”, afirmam que as obras literárias datadas dessa década têm o caráter contundente de

[...] não possuir um rosto definido, a ponto de não ser possível mais falar de “escolas” ou “movimentos literários”. Neste sentido, tanto a poesia, quanto a ficção, estão em sintonia com o que se pode observar na produção literária contemporânea brasileira – passado o tempo dos manifestos e dos engajamentos políticos de décadas atrás, os autores procuram construir suas obras trilhando um caminho cada vez mais particular, no qual o texto a ser produzido depende menos de projetos coletivos políticos e estéticos. Isto não significa que os escritores não dialoguem uns com os outros, não se articulem ao redor de eventos, causas políticas, revistas, sites e outros projetos editoriais. A experiência coletiva, contudo, tem menos compromisso com a defesa de um plano estético e muito mais com a vontade de intervir e

remodelar o próprio ambiente literário. (FARIAS; AGUIAR, 2013, p. 102).

Percebemos essa mentalidade na produção de várias obras atuais, dentre elas *Galiléia* (2008), obra de Ronaldo Correia de Brito, escritor cearense radicado em Recife, Pernambuco. Adentraremos nela mais a frente

Destacamos algumas características que, de acordo com os estudos de Schollhammer (2011), datam de outros anos recentemente passados, mas que também espelham a literatura da primeira década do século XXI e servem à obra em questão neste trabalho, como se perceberá na breve discussão analítica a seguir: a. da Geração 90 até os anos “00” salienta-se a heterogeneidade e a falta de uma característica unificadora nas obras entre si, a não ser pelo foco temático voltado para a sociedade e cultura contemporânea; b. da década de 80 até início de 90 serve-nos: b.1 a perda de determinação e de rumo dos personagens (sem o extremo do inumano que caracteriza a geração 90); b.2 um movimento narrativo que derrubou as fronteiras e colocou as dimensões tempo espaciais em questionamento, por trajetos errantes que cruzam um território também sem claras definições; b.3 a perda de sentido para as coisas e a perda de referências que podem levar o narrador ao estilhaçamento da continuidade e da logicidade narrativa.

Do ponto de vista da narração, mudanças também são perceptíveis. Afirma Santiago que “é o movimento de rechaço e de distanciamento que torna o narrador pós-moderno” (SANTIAGO, 1989, p. 39). Isso porque, fruto de um processo de esfacelamento das certezas e das fronteiras de si e do mundo, o narrador do hoje é o homem pós-moderno que não tem experiências a passar em moral, visto estar num processo de reconstrução. A narração, assim, perde seu caráter utilitário e dela se subtrai o bom conselho e a sabedoria, a contragosto de Benjamin (1985).

Por isso, o narrador pós-moderno se interessa pelas narrativas do outro, se afirmando pelo olhar que lança ao redor de si (SANTIAGO, 1989), tentando, a partir das resoluções dos outros, resolver-se, vestindo um ofício quase jornalístico ou detetivesco, em busca de respostas e experiências que sejam mais significantes que as suas. É o que faz Adonias, em *Galiléia*, quando tenta harmonizar sua identidade a partir dos discursos de outros (seus familiares) sobre o passado, onde, diferente do hoje problemático, deve haver respostas para ele.

Mesmo assim, vale ressaltar que nenhuma escrita é inocente. Ao falar do outro, o narrador fala de si próprio, pois ele narra, pensa e passa uma sabedoria a partir do que observa, então, o filtro é ele mesmo. É justamente o caso de Adonias, que, mesmo com a colheita de muitos discursos, se prova ainda narrador autodiegético, tendo o produto final de uma narrativa permeada de pessoalidades e seleções que o seu eu faz ao ser filtro de uma experiência alheia.

Em *Galiléia*, a pessoalidade é atestada desde o foco narrativo, em primeira pessoa, e pela imprecisão e insegurança quanto ao que é narrado. Vê-se isso, por exemplo, na disposição dos capítulos, que, nomeados de acordo com os personagens e as histórias deles a serem contadas por Adonias, nos dá a noção de que as narrativas do hoje são quebradas, estão sempre a recomençar, a se buscar entender a partir do que pode ser uma resposta. Que seja então o outro.

A narrativa contemporânea, como é em *Galiléia*, mostra não ser possível uma continuidade de experiências, pois o mundo atual não é quase nada que o de outrora. Então, a narrativa quebra-se, o narrador perde sua sabedoria e ganha só a partir da observação do hoje e do alheio, como se estivesse por recomençar e reaprender, na verdade, aprender o que não sabe, já que a maioria dos estatutos e certezas que tinha ruíram-se.

O olhar pós-moderno é, pois, um flagrante do movimento, em um observar de prazer e crítica, ele sente e pensa e narra, filtrando a partir do que vê. Por esse ponto de vista, constatamos o quanto a ação pós-moderna é jovem, inexperiente, privada da palavra; ela vivencia, é autossuficiente, mas ainda não sabe como falar de si; se preocupa em viver, sem se dar conta de ser observada.

Confluindo nessa mesma linha de pensamento de inenarrabilidade da experiência, lembramos a posição do narrador contemporâneo de Adorno (2003, p. 55), que se caracterizaria por um “paradoxo: não se pode mais narrar, embora a forma do romance exija narração”. O autor continua explicando que

[...] o que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite. [...] Pois contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente, isso é impedido pelo mundo administrado, pela standardização e pela mesmice. (ADORNO, 2003, p. 56)

Assim, na opinião de Adorno (2003, p. 57), “a disseminada sublitteratura biográfica é um produto da desagregação da própria forma do romance”. E *Galiléia* configura uma

biografia, o que seria, segundo o autor, uma prova da dissolução do romance na pós-modernidade.

Pinto (2014), por sua vez, aponta como sendo algumas tendências da literatura contemporânea no Brasil: o cancelamento de espaços sociais, antes bem demarcados; um sujeito às voltas com seus fantasmas e obsessões, com sua própria vida; o esvaziamento da dimensão transformadora da metapoética, em proveito de referências múltiplas no dorso da escrita; a prosa perdendo o diálogo com a tradição, visto que não tem um compromisso com a língua local e os espaços estão sem contornos; aprofundamento de algumas técnicas de décadas anteriores que não estavam totalmente ausentes; o deslocamento da preocupação com a sintaxe para com o narrador; alinhamento da prosa brasileira com a tendência de uma literatura não utópica, que não tenha a ilusão de identidades nacionais nem da renovação da própria literatura; literatura sem projeto político, como havia, por exemplo, no Regionalismo.

Muitos desses pontos são vistos em *Galiléia*, romance: da não tradição; do sertão sem regionalismo; do narrador às voltas com vozes passadas e presentes, dos outros e suas; da não utopia literária, pelo conflito de um narrador às voltas com sua identidade; e de um espaço que sabemos que é interior porque é longe da capital, mas que, afora isso, não é bem demarcado e nem detalhado, não se mostra regional como costuma ser os interiores da literatura nordestina, não evoca o imaginário nordestino, o sertão sacralizado pelas literaturas regionalistas; é um espaço muito menos social e muito mais humano, espaço da lembrança, do em si e do conflito.

Nesse sentido, há uma falta de ênfase na espacialização dos lugares físicos – que na literatura antes do pós-modernismo costumavam ser mais detalhados – para que os espaços em contato com os personagens surjam como uma extensão de suas problemáticas, de suas questões individuais; um espaço que só importa em relação com os conflitos do personagem, e não como existência autônoma, de geografia bem demarcada.

Isso é observado de forma geral na literatura contemporânea, em que os espaços retratados são reflexos de questões humanas pós-modernas (pensando de fins do século XX até hoje), na qual as identificações filosóficas, ideológicas e identitárias do passado são questionadas e até mesmo deixadas de lado. O que mais parece importar é a busca do ser por si mesmo.

Discutindo isso, Farias e Aguiar (2013) acreditam que, na atualidade, tanto a cidade quanto o mundo rural são palcos para expor a condição trágica da vida humana, não importando tanto o espaço, mas sim o humano que se mostra naquele espaço, com suas memórias e seus encontros de identidades.

3. Entrando nas ruínas de *Galiléia*

Galiléia é uma obra literária, de 2008, do escritor cearense Ronaldo Correia de Brito, radicado no Recife em profissão de escritor e médico. Dessa obra, fruto das ruínas do hoje e dos tijolos conflitantes da literatura atual, trazemos alguns trechos, a fim de servir de exemplo literário dos cenários que viemos pintando neste trabalho.

Em tal obra, percebemos que as honras de família de um povo austero foram há muito vencidas pelo tempo; que elas não têm valor no mundo atual, mas são mantidas em um universo que sustenta fingidamente o estatuto de firmeza, relevância e permanência de valores. A aparência não tem raízes, pois se tenta sem sucesso exaltar ruínas de valores e honras, e o narrador sabe disso, assiste ao espetáculo e reflete: “os tios narravam, um após o outro, como num desafio. Eu escutava Natan, convencido de que apenas em lugares como aquele a memória ainda significava poder e honra.” (BRITO, 2008, p. 201). Em lugares como o de Galiléia, onde o passado é acionado pelo esforço ingênuo de manter um imaginário de honras no local, funcionando como alimento da vida, mesmo que em ruínas.

Mas esse lugar está vencido pela atualidade, não tem mais autoridade de existência, a família debandara e as memórias criminosas e de mentiras são os principais habitantes de Galiléia, fazendo companhia para Raimundo, Maria Luiza, Teresa, tio Salomão e tio Josafa, todos idosos. E Raimundo, o patriarca, é a ruína personificada desse espaço de ruínas, é o resto desse passado ultrapassado pelo voraz presente globalizado:

As pernas paráliticas não embalavam o corpo, o corpo não adormecia a mente, a mente trabalhava sem trégua, tecia rolos de fio de pensamentos [memórias], como os teares em que se fabricavam as redes. Enredado nas lembranças, sem ter mais ninguém a quem abrir o coração, porque era o último da sua espécie [do tempo dele, dos sertanejos de família, fortes e teimosos como as tradições passadas], Raimundo Caetano sentiu-se condenado à morte sem direito a apelação. (BRITO, 2008, p. 59).

Observa-se que, no fim da obra, o fato de ele continuar vivo é emblemático. Mostra como o passado não está pronto para ir embora, como o ser pós-moderno não está pronto para

vê-lo morrer em paz; o quanto essa “rede pegajosa” (BRITO, 2008, p. 56), ainda que perturbadora, é necessária para os sobreviventes do passado e os vivos e dependentes depois dele.

Galiléia é um espaço que finge austeridade e pompa, em que os esqueletos do passado áureo tentam impor respeito. E, na verdade, esse passado não era assim, apenas conseguia sustentar as mentiras e a importância por mais tempo sem questionamento, por pertencer a um mundo de aristocratas, oligarquias, muros bem altos e fronteiras bem estabelecidas. Mas a atualidade, com sua nova dinâmica de classes, com suas novas necessidades e possibilidades, pôs os muros de Galiléia abaixo, e a incongruência de valores para quem se globalizou – como Adonias, neto de Raimundo – é tão forte que parece não haver razão para a permanência de tal universo, que se torna estranho:

Como é austero o mobiliário sertanejo. [...] As casas e seus objetos provocam aspereza e tensão. O poder masculino dita as normas do desconforto, ninguém relaxa nem se entrega à preguiça. [...] Por que as mulheres permitiam essa tirania? Sinto falta de cores alegres, curvas e sinuosidades femininas. Nossas mães e avós sujeitaram-se aos caprichos desses monges, que transformaram os aposentos em claustros, os quartos em celas, as casas em mosteiros. (BRITO, 2008, p. 211).

O retrato que nos pinta Adonias funciona em Galiléia porque ela são as ruínas de um passado que um dia pertenceu a uma época austera e honrosa para alguns. Época em parte forjada, mas que ajudou a modelar a identidade de uma região. Hoje, Adonias é a prova de que isso não se sustenta mais, o que ele sente falta é do que hoje já vivencia, no seu caso, na capital Recife, nos lugares onde a globalização chegou, onde o passado exerce influência memorial e identitária, mas não tanto física.

A verdade, porém, é que “a Galiléia acabou e os tios fingem que continua próspera.” (BRITO, 2008, p. 132). E isso ocorre porque as marcas nas identidades não cessaram de ligá-los a tal terra; não pelo território, mas pelas lembranças, pelo pertencimento e, talvez, pela dificuldade de transpor a linha do passado original, mesmo arruinado, até a linha de um presente igualmente desconfortável.

O espaço de Galiléia se mostra, aos olhos de Adonias, como um cancro. E isso não é pela geografia do lugar (o sertão). Em toda a narrativa vemos que pouco importa a geografia sertaneja, como pouco conta os detalhes existências e concretos daquele lugar do sertão; essa verossimilhança é descartada pelo narrador, que se volta para a espacialização em relação com o humano em questão: “A Galiléia reflete a doença do avó. A mesma infecção que

destrói sua carne parece arruinar a terra. O mato invade as plantações, as cercas e os currais tombam.” (BRITO, 2008, p. 111).

Galiléia é um fantasma, não só fisicamente, mas, sobretudo, imaginariamente, pois assombra a alma de Adonias com memórias e identidades perturbadoras de um passado impossível de resgatar. Ele sobrevive como que com respiradores, os quais ele quer retirar, mas não consegue, não consegue praticar eutanásia com o passado, com medo de fazer vegetar sua própria busca por identidade, seu próprio eu original. Ele foge das casas de Galiléia, tendo antes se enfiado nelas em busca de respostas. É um amor e um ódio, pelo objeto de busca e por si, por achar que necessita, e tão avidamente, desse encontro com o passado, para encontrar a si:

Saio para a noite e os descampados. Melhor aqui fora. Sempre gostei dos espaços abertos, mais previsíveis do que os corredores das casas. Basta um dia de sol e tudo o que parecia escuro se revela em mistérios. As casas nunca expõem as suas entranhas. É preciso botá-las abaixo, arar o terreno onde se erguiam e salgá-lo. Talvez desse modo se afugentem os segredos, os crimes velados ao longo dos anos. A certeza provisória de que não existem mistérios, de que imagino fantasmas para alimentar o medo, me deixa leve outra vez. (BRITO, 2008, p. 181).

Os espaços são para Adonias cárceres de memórias que o aprisionam duplamente. Ele quer se conciliar, quer poder entender tudo a seu redor, tudo que lhe marca, mas não consegue; os espaços velados são pesados demais, e a sensação de sufocamento só cresce nele. E, assim, “A Casa Grande do Umbuzeiro [umas das casas de Galiléia, há anos fechada para sempre com toda sua memória apodrecendo dentro] nos espionava, enchendo de pesadelos as nossas noites.” (BRITO, 2008, p. 54).

Mesmo assim, o narrador vai atrás de respostas, de entendimento, de conciliação, de harmonização de si a partir da memória e das identidades de seus familiares, dos outros que assiste para se ajudar: “Em nossas conversas repercutem as vozes da família, de pais, tios e avós. Misturam-se as falas, nunca sabemos se alguém sopra em nossos ouvidos o que vamos dizer.” (BRITO, 2008, p. 115).

Vemos que quase como um mecanismo de defesa do não apagamento do eu, renasce, nas lembranças de Adonias, a esperança de resolver o adulto que é, identificando a criança do passado e as histórias nunca compreendidas em sua mente infantil. Como nos explica Petrillo (2008), dentro dessa perspectiva de análise, o olhar para trás faz com que o personagem não se sinta sem passado, amenizando a sensação de ser solitário e errático, que está apenas

colecionando sensações e consumindo impressões desconexas na vida, o que o faz sentir uma persistente sensação de vazio. É o caso que se afigura no nosso personagem principal Adonias, em *Galiléia*. Por isso, como único elo de formação da identidade do adulto Adonias, encontramos pelo enredo da obra lembranças avulsas, soltas no tempo e na memória do herói.

Porém, essa atenção religiosa ao passado é sem sucesso: “Os elos se desfazem, antes mesmo de se recomorem. Busco uma relação com o mundo, com a noite escura e a chuva fina começando” (BRITO, 2008, p. 18). E Adonias ouve de seu primo, em dado momento, que o resgate é difícil:

– Quando nos distanciamos de nossa origem, o reencontro com o passado é doloroso, quase impossível. Sempre vivi aqui. Desde que nasci olho essa casa. Ela não me assusta porque faz parte da minha vida. Não é o seu caso, Adonias. Para você ela é um fantasma. (BRITO, 2008, p. 150).

Mesmo assim, na realidade interior do narrador, o consolo não se faz, embora a consciência aponte: “culpava-me por ter abandonado o sertão. Você conhece essa culpa, garanto. Mas, aqui, todos estão de passagem ou de saída. É o que sinto, agora.” (BRITO, 2008, p. 72). É a consciência de que a identificação original com o espaço em que se começara não é possível, pois ela nunca foi escolhida, foi tão somente imposta; e essa obrigação pesa tanto, que o sujeito tenta se harmonizar ou sair dela, mas isso só faz aumentar a culpa.

O personagem percebe que essa busca por origens, em uma atitude desesperada e maníaca de se compreender, mais importante que qualquer política, ideologia ou geografia, se mostra sem propósito na atualidade pós-moderna:

Recitei os nomes [das plantas da caatinga que o pai de Adonias exigia que ele memorizasse] com orgulho da memória, e depois recaí na tristeza. O meu conhecimento me parecia inútil. Nunca o usei em nada. Atravesso os sertões vislumbrando sombras negras, os restos vegetais dessa memória. Carreguei esses nomes como se fossem fantasmas, sentindo-me culpado se os esquecia. Eles eram para mim como os mourões dos currais arruinados, sem uso desde que se esvaziaram de vacas e touros; troncos solitários, teimando em ficar de pé no planalto sem pastagens, sem rebanhos, sem gente. (BRITO, 2008, p. 12).

O narrador não adquire a tranquilidade que ele sabe que precisa. Ele tem consciência que não adquirirá enveredando pelo passado dos outros que assiste tão enojado e fielmente, e pensa: “Num dia em que eu estiver mais tranquilo, vou perguntar a razão das pessoas se preocuparem tanto com a origem das famílias.” (BRITO, 2008, p. 160). Adonias se preocupa

em excesso por ter um eu tão conflituoso e marcado, tão pós-moderno. Mas não quer ser assim, seu racionalismo e pragmatismo o repelem nessa prática. Ele acaba por dar adeus a sua busca, adeus à tentativa de si:

Morram todos, vão para o inferno, enterrem o passado que me acovarda.
Bato a gaveta com força, corro para o alpendre, agarro-me a uma viga para não cair. Tomo consciência de minha histeria. A psicanálise funciona.
Calma! O que posso fazer? Choro. (BRITO, 2008, p. 215).

Ele quer abraçar o eu pós-moderno, desencontrado e em conflito; abraçar com aceitação e certo alívio, pois percebe, depois de uma luta sobre/com ruínas, que não pode fugir de quem é, mesmo que isso signifique às vezes fugir dos que foram algo antes dele, algo com o qual ele acreditava ser semelhante. Ele quer dar adeus ao passado, às possibilidades de quem ele seria, para abraçar as possibilidades de seu eu em seu presente:

Vivo de arrependimentos por ações erradas ou pelo que eu deixei de fazer.
Mas descubro a leveza no mundo que me cerca, caminho e nem suco a camisa, agora que o calor deu trégua. Se fosse possível abstrair as casas dos tios e do avô, esquecer as histórias da família e sentir apenas a leveza da poeira, não existiria nada melhor que a Galiléia. As casas e as pessoas teriam a densidade de uma molécula de oxigênio e nenhuma memória de morte, nenhum peso a oprimi-las, nem mesmo o da palavra que inaugurou a vida. (BRITO, 2008, p. 172).

É assim que, pensando estar adentrando em um espaço do interior nordestino, entramos no interior de Adonias e de todos os outros que ele observa e tenta conhecer. É assim que vemos diante dos nossos olhos a espacialização humana e não geográfica de um conhecido espaço da realidade e da literatura (o sertão), para que ele se potencialize em relação com as problemáticas do ser, e não com a realidade socioeconômica e geográfica.

Dessa forma, nas palavras de Prioste (2013, p. 291), ao falar do sertão de *Grande Sertão Veredas* – que, neste comentário, vemos como similar ao de *Galiléia*, no sentido de ambas as obras discutirem questões pertinentes ao ser humano e não ao espaço Sertão –, o Sertão “em sua particularidade específica representa um aspecto da totalidade que conforma o modo de ser humano, daí sua universalidade além do regional”. E é essa universalidade humana que vemos aberta e sangrando no sertão de *Galiléia*, que desvenda o sertanejar íntimo dos personagens, sem destacar a paisagem física.

Para nós, esse é o ponto mais importante de *Galiléia*, essa narração de ruínas, porque se abre diante do leitor um sujeito que se dói por sertanejar tão incansavelmente dentro de si, dentro do passado de outros, dentro de espaços memórias tão densos, de uma família, de uma

região. Sujeito que lamenta sua busca identitária, sua sina pessoal, sua autocondenação: “Eu não esqueço nada. Esse é o meu castigo.” (BRITO, 2008, p. 44). Sujeito que se conecta com um perturbado passado, o irremediável presente e um ansioso futuro, perambulando por ruínas e tentando construir seu mundo a partir da resignificação de outros mundos, passados no tempo, mas não em si.

Por fim, cabe salientar que a ideia de ruína em uma construção simbólica, no que tem de exaustiva tem de exitosa, pois se lida com a possibilidade de analisar o que no passado serve memorizar, esquecer ou refazer, adaptando os dados disponíveis às demandas do tempo, da cultura, do homem. É de pouco sucesso pensar estatutos e ideias fora da lógica (i)material que os produziu/produz. A observância a essas dinâmicas e trânsitos demonstra um trabalho positivo de amadurecimento do que se é a partir do diálogo crítico e consciente com o que se viveu, se foi, se viu, se ouviu.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Posição do Narrador no Romance Contemporâneo. In: *Notas de Literatura I*. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: 34 Letras, 2003.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *A Obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. In: Obras escolhidas. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRITO, Ronaldo Correia de. *Galiléia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. *Mito e Transformação*. Tradução Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. El porvenir del pasado. In: _____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Editorial Grijalbo, 1990.
- FARIAS, Pedro Americo de; AGUIAR, Cristhiano. *Ficção em Pernambuco: breve história*. Recife: Grupo Paés, 2013.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaraeira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PETRILLO, Regina Pentagna. Memória e identidade. *Revista Solettras*, Rio de Janeiro, v. 16, 2008, p. 49-57.
- PINTO, Manuel da Costa. Respostas de Manuel da Costa Pinto. *Folha de São Paulo online*, São Paulo, 23 fev 2014, coluna Ilustríssima.
- PRIOSTE, José Carlos Pinheiro. No enveredamento das sertanias. In: VIOLA, Allan Flávio (org.). *Crítica Literária Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 289-299.

- OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. O Narrador Pós-moderno. In: *Nas Malhas da Letra*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989. p. 38-52.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- TROUSSON, Raymond. *Temas e mitos: questões de método*. Tradução Teresa Rodrigues. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

Artigo recebido em fevereiro de 2019.

Artigo aceito em abril de 2019.